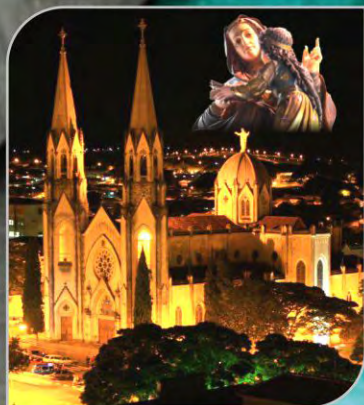


ARQUIDIOCESE DE SANT'ANA DE BOTUCATU



ARQUIDIOCESE DISCÍPULA MISSIONÁRIA

MINISTERIAL - CASA E ESCOLA DE COMUNHÃO - SAMARITANA

DIRETRIZES ARQUIDIOCESANAS DE MISSÃO E PASTORAL



CÚRIA ARQUIDIOCESANA

Rua Dr. Costa Leite, 668 - Centro

CEP 18.600-010 - Telefone: (14) 3811-5900

E. mail: secretaria@arquidiocesebotucatu.org.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
1. INTRODUÇÃO	5
2. A PARÓQUIA	6
2.1 - CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO	6
2.2 - V CONFERÊNCIA DE APARECIDA.	6
2.3 - EXORTAÇÃO APOSTÓLICA EVANGELII GAUDIUM	7
3. A RENOVAÇÃO DA PARÓQUIA	8
4. UMA PARÓQUIA DISCÍPULA MISSIONÁRIA	
4.1 - DIMENSÃO MINISTERIAL	10
4.2 - DIMENSÃO CASA E ESCOLA DE COMUNHÃO	12
4.3 - DIMENSÃO SAMARITANA	15
5. O PERFIL DO AGENTE DE PASTORAL	
DISCÍPULO MISSIONÁRIO	17
5.1 - O AGENTE DE PASTORAL CRISTÃO LEIGO	17
5.2 - O AGENTE DE PASTORAL CONSAGRADO	18
5.3 - O AGENTE DE PASTORAL DIÁCONO PERMANENTE	20
5.4 - O AGENTE DE PASTORAL PRESBÍTERO	21
5.4 - O AGENTE DE PASTORAL BISPO	24
6. A FORMAÇÃO PERMANENTE DO AGENTE DE PASTORAL	
DISCÍPULO MISSIONÁRIO	26
7. A COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE FORMAÇÃO	
PERMANENTE DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS.	31

APRESENTAÇÃO

Com renovada consciência de que a evangelização continuamente parte do encontro, adesão e contemplação de **Jesus Cristo** presente em sua Igreja e se desenvolve, na força do Espírito Santo, em diálogo com os contextos em que se realizam, estas Diretrizes são oferecidas a todas as paróquias, pastorais, movimentos, associações e organismos eclesiais de nossa Igreja Particular. Que elas possam contribuir para que a “alegria do Evangelho” renove profundamente nossas comunidades e anime continuamente nosso entusiasmo missionário.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* indicou os caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos e convocou todas as Igrejas Particulares a “avançar no caminho da conversão pastoral missionária”, a “não deixar as coisas como estão” e a se “constituir em estado permanente de missão”, reforçando e aprofundando as grandes opções da Conferência de Aparecida.

As Diretrizes não contêm fórmulas pastorais mágicas nem são constituídas basicamente de normas específicas. Seu valor está no “espírito” que orienta e na luz que aponta o caminho a trilhar. Assim, com o espírito de uma Igreja “em saída” desejamos “acolher” melhor os que se aproximam; “cuidar” bem dos membros da comunidade e “procurar” os que se encontram longe. À luz da Conferência de Aparecida, da Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho” e das DGAE da Igreja no Brasil queremos nos comprometer com uma Igreja sempre mais ministerial; casa e escola de comunhão e samaritana.

O que eu espero de todos os cristãos de nossa Igreja Particular é o máximo de fidelidade às promessas do Batismo e da Crisma, e, de modo especial, dos diáconos e presbíteros também às promessas do sacramento da Ordem. Tudo na vida e na missão da Igreja é comunhão e participação.

Devemos ao mundo um testemunho de comunhão afetiva, teológica e pastoral entre nós, com a caminhada da Igreja no Brasil, na América Latina e Caribe e, de modo, muito especial com o Santo Padre, o Papa Francisco.

Agradeço de coração a participação e colaboração de todos os agentes de pastoral das paróquias, pastorais, movimentos e associações, de nossos diáconos, presbíteros e religiosos, bem como todo trabalho e empenho dos membros da Coordenação Arquidiocesana de Pastoral.

Que Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, nos abençoe e que Maria Santíssima, estrela da evangelização, nos acompanhe sempre.

Botucatu, 15 de novembro de 2017

Dom Maurício Grotto de Camargo
Arcebispo Metropolitano de Botucatu

1. INTRODUÇÃO

A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se frente àqueles que só vêm confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou de agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. **V Conferência de Aparecida, nº 11 – 2007**

A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. *Primeireiam* – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. *1 Jo* 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se, se for necessário, até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. **Evangelii Gaudium, nº 24 – 2013**

A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: «fez-se sempre assim». Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. Uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para os alcançar, está condenada a traduzir-se em mera fantasia. A todos exorto a aplicarem, com generosidade e coragem, as orientações deste documento, sem impedimentos nem receios. **Evangelii Gaudium, nº 33 – 2013**

2. A PARÓQUIA

2.1 - CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO

Cân. 515 - § 1. Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao Pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano.

Cân. 518 - Por via de regra, a Paróquia seja territorial, isto é, seja tal que compreenda todos os fiéis de um determinado território; onde, porém, for conveniente, constituam-se Paróquias pessoais, em razão de rito, língua, nacionalidade dos fiéis de um território, e também por outra razão determinada.

2.2 - V CONFERÊNCIA DE APARECIDA

– Entre as comunidades eclesiais, nas quais vivem e se formam os discípulos e missionários de Jesus Cristo, sobressaem as Paróquias. São células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial. São chamadas a ser casas e escolas de comunhão

– Toda Paróquia é chamada a ser o espaço onde se recebe e se acolhe a Palavra, onde se celebra e se expressa na adoração do Corpo de Cristo, e assim é a fonte dinâmica do discipulado missionário. Sua própria renovação exige que se deixe iluminar de novo e sempre pela Palavra viva e eficaz.

– As Paróquias encerram inesgotável riqueza comunitária porque nelas se encontra imensa variedade de situações, idades e tarefas. Sobretudo hoje, quando as crises da vida familiar afeta a tantas crianças e jovens, as Paróquias oferecem espaço comunitário para se formar na fé e crescer comunitariamente.

– A Paróquia precisa ser o lugar onde se assegure a iniciação cristã e terá como tarefas irrenunciáveis: iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve a completar sua iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o Querigma, querem abraçar a fé.

2.3 - EXORTAÇÃO APOSTÓLICA EVANGELII GAUDIUM

– A Paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade.

– Seguindo o exemplo da primeira comunidade cristã, a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade.

– A Paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração.

– Através de todas as suas atividades, a Paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização. É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário.

– As outras instituições eclesiais, comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e setores.

– Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser “ a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”.

3. A RENOVAÇÃO DA PARÓQUIA

– A renovação das Paróquias no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão.

– Isto supõe que esteja realmente em contato com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos.

Os melhores esforços das Paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de leigos missionários. Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual.

– A V Conferência Geral é uma oportunidade para que todas as nossas Paróquias se tornem missionárias. O número de católicos que chegam à nossa celebração dominical é limitado; é imenso o número dos distanciados, assim como o número daqueles que não conhecem a Cristo.

– A renovação missionária das Paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo.

– Particularmente no mundo urbano, é urgente a criação de novas estruturas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural.

– A diversificação da organização eclesial, com a criação de muitas comunidades, novas jurisdições e organismos pastorais, permitiu que muitas Igrejas locais avançassem na estruturação de uma Pastoral Orgânica, para servir melhor às necessidades dos fiéis.

– Crescem os esforços de renovação pastoral nas Paróquias, favorecendo o encontro com Cristo vivo, mediante diversos métodos de nova evangelização que se transformam em comunidade de comunidades evangelizadas e missionárias.

– Um dos maiores desejos que se têm expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe, motivando a preparação da V Conferência Geral, é o de uma valente ação renovadora das Paróquias, a fim de que sejam de verdade *“espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes”*.

– Uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios. Igualmente, nesse campo, se requer imaginação para encontrar resposta aos muitos e sempre mutáveis desafios que a realidade coloca, exigindo novos serviços e ministérios. A integração de todos eles na unidade de um único projeto evangelizador é essencial para assegurar uma comunhão missionária.

– Temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das Paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-as ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-as completamente para a missão.

4. UMA PARÓQUIA DISCÍPULA MISSIONÁRIA

– A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária.

– Assim será possível que “o único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial” com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária.

– Levando em consideração as dimensões de nossas Paróquias, é aconselhável a setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região.

– Uma Paróquia, comunidade de discípulos missionários, requer organismos que superem qualquer tipo de burocracia. Os Conselhos Pastorais Paroquiais terão de estar formados por discípulos missionários constantemente preocupados em chegar a todos.

4.1 - DIMENSÃO MINISTERIAL

VER

(Assembleias Paroquiais – 2016)

– Como expressão da falta de consciência de que todos são servidores do Reino, ainda existe entre muitos Agentes de Pastoral, Padres ou fieis Leigos, a mentalidade que são “donos” da função que ocupam ou do cargo que exercem, e que não devem satisfação aos Superiores, no caso dos fieis Leigos, ao Pároco, e os Presbíteros, ao Arcebispo.

– Em algumas Paróquias constata-se forte centralização das atividades litúrgico- pastorais na igreja Matriz, sem a adequada atenção às atuais ou possíveis novas comunidade rurais ou urbanas que vão surgindo.

– Nas Paróquias, em geral, encontram-se Agentes de Pastoral por demais sobrecarregados, exercendo ao mesmo tempo diversas funções pastorais, com a justificativa de que faltam pessoas disponíveis.

– Um bom número de Agentes de Pastoral permanece por muito tempo exercendo a mesma função, como consequência, afirma-se, da falta de responsabilidade ou de tempo por parte de outros membros da Comunidade; ou, então, porque outros membros da Comunidade não se sentem ou não se encontram capacitados e preparados para o exercício dessas respectivas funções.

– *A presença de pessoas com apego exagerado aos cargos e funções que ocupam, sentindo como se fossem insubstituíveis, dificultando as mudanças, a renovação e a participação de novos membros na vida da Comunidade.*

– Os Coordenadores (as) Paroquiais da Pastorais e Movimentos, em consequência da falta de uma maior e melhor distribuição das atividades pastorais, muitas vezes, além de sobrecarregados, sentem-se sozinhos, cansados, desmotivados, ou, então, desamparados pelos Párcos, realizando tão somente um trabalho de manutenção.

– Em alguns casos, os Párcos e os Coordenadores Paroquiais de Pastorais ou Movimentos apresentam dificuldades no incentivo ao surgimento de novos Ministérios, ou, então, na coordenação dos diversos ministérios e funções presentes na Paróquia.

JULGAR

– A diversidade de carismas, ministérios e serviços, abre o horizonte para o exercício cotidiano da comunhão através da qual os dons do Espírito são colocados à disposição dos demais para que circule a caridade.

– De fato, cada batizado é portador de dons que deve desenvolver em unidade e complementaridade com os dons dos outros, a fim de formar o único Corpo de Cristo, entregue para a vida do mundo.

– O reconhecimento prático da unidade orgânica e da diversidade de funções assegurará maior vitalidade missionária e será sinal e instrumento de reconciliação e paz para nossos povos.

– Cada comunidade é chamada a descobrir e integrar os talentos escondidos e silenciosos que o Espírito presenteia aos fiéis.

AGIR – INICIATIVAS PASTORAIS CONCRETAS ***(Assembleias Paroquiais 2017)***

1- Nas Paróquias, Capelas ou Comunidades os Agentes de Pastoral exerçam, por vez, apenas uma única coordenação paroquial, deixando, desse modo, espaço para a procura e a inserção de novas pessoas nas funções de coordenação.

2- O tempo para o exercício do ministério de coordenação na Arquidiocese seja de 3 anos com a possibilidade de somente uma recondução. Ou seja, no máximo 6 anos de duração.

3- Estabelecer cursos ou elaborar orientações básicas para a capacitação dos Agentes de Pastoral que exercem função de coordenação, contando com a ajuda de profissionais da área de recursos humanos de empresas e entidades filantrópicas.

4.2 - DIMENSÃO CASA E ESCOLA DE COMUNHÃO

VER

(Assembleias Paroquiais 2016)

– A presença de desentendimento entre os Agentes de Pastoral, que se acusam mutuamente, gerando conflitos, divisões e afastamentos, consequência da falta de um projeto pastoral comum e de uma coordenação paroquial que os direcione e os oriente na caminhada pastoral.

– Alguns Coordenadores Paroquiais de Pastorais e Movimentos não estão preparados para o ministério de Coordenação, e, muitas vezes, sem querer, acabam por produzir resultados negativos, contraproducentes.

– A falta de objetividade nas reuniões, bem como a falta de cumprimento dos horários estabelecidos, dificultam a participação, produzindo insatisfação e desânimo nos participantes.

– Pessoas que permanecem por muito tempo exercendo uma determinada função ou Coordenação e que não são ou não permitem ser preparadas para o momento da transição e chegada de novos participantes, quando são substituídas produzem transtornos e sofrimentos na Paróquia.

– A falta de planejamento e de calendário pastoral que provoca desencontro, atrito e desconforto entre os Agentes de Pastoral.

– Agentes de Pastoral, Padres ou fieis Leigos, que produzem iniciativas litúrgico-pastorais pessoais em desacordo com a atual orientação da Igreja e da Arquidiocese, que acabam criando dúvidas, confusão e discórdias entre os fieis.

– O comportamento de Padres e fieis Leigos que em vez de orientar e conduzir as pessoas para Jesus Cristo, fazendo com que todos cresçam e vivam no exercício da liberdade de verdadeiros filhos de Deus e membros responsáveis da Igreja, produzem grupos fechados, ligados e apegados diretamente à sua pessoa, ao lugar em que se encontram, à sua imagem e ao cargo que exercem, dificultando as mudanças e as transferências.

– As críticas destrutivas de um Agente de Pastoral, Padre ou fiel Leigo, em relação a um outro, que provoca mal estar e desalento entre os fieis e Comunidades.

– A falta de acolhida nas atitudes de muitos Agentes de Pastoral, Padres ,fieis Leigos e Secretarias Paroquiais, que dificultam o entendimento e a comunhão entre os que já participam e impedem que as pessoas afastadas se aproximem da Comunidade.

JULGAR

– A Igreja, como “comunidade de amor” é chamada a refletir a glória do amor de Deus, que é comunhão, e assim atrair as pessoas e os povos para Cristo. No exercício da unidade desejada por Jesus, os homens e mulheres de nosso tempo se sentem convocados e recorrem à formosa aventura da fé.

– *“Que também eles vivam unidos a nós para que o mundo creia”*. (Jo 17,21). *A Igreja cresce, não por proselitismo, mas “por ‘atração’: como Cristo ‘atrai tudo para si’ com a força do seu amor”*.

– A Igreja “atrai” quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos se amarem uns aos outros como Ele nos amou. (cf. Rm 12,4-13; Jo 13,34).

– No povo de Deus, *“a comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si... A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão”*.

– Nas Igrejas particulares, todos os membros do povo de Deus, segundo suas vocações específicas, somos convocados à santidade na comunhão e na missão.

– A vida em comunidade é essencial à vocação cristã. O discipulado e a missão sempre supõem a pertença a uma comunidade. Deus não quis salvar-nos isoladamente, mas formando um Povo.

– Este é um aspecto que distingue a experiência da vocação cristã de um simples sentimento religioso individual. Por isso, a experiência de fé é sempre vivida em uma Igreja Particular.

– A Diocese, presidida pelo Bispo, é o primeiro espaço da comunhão e da missão. Ele deve estimular e conduzir uma ação pastoral orgânica renovada e vigorosa, de maneira que a variedade de carismas, ministérios, serviços e organizações se orientem no mesmo projeto missionário para comunicar vida no próprio território.

AGIR – INICIATIVAS PASTORAIS CONCRETAS ***(Assembleias Paroquiais 2017)***

1- Fazer com que os Conselhos Paroquiais, em especial o CAP e CMPP, executem suas funções, em vista de uma pastoral paroquial orgânica e eficiente.

2- Apresentar orientações básicas, a partir das Diretrizes Arquidiocesanas, em vista da elaboração de planejamento, planos e projetos pastorais, segundo o método ver, julgar, agir e avaliar.

3- Implantar a Comissão Arquidiocesana de Formação Permanente dos Agentes Pastorais, a partir dos aspectos e dimensões contidas nas Diretrizes Arquidiocesanas de Missão e Pastoral.

4.3 - DIMENSÃO SAMARITANA

VER

(*Assembleias Paroquiais 2016*)

– O desafio em conciliar Fé e Vida, de modo que a Fé se expresse em gestos concretos de solidariedade com os mais necessitados, espiritual ou socialmente carentes, e a Vida seja orientada pela Fé, nas decisões que são tomadas.

– Pouco interesse por parte das Paróquias em constatar e responder aos desafios sociais existentes em seu território e investir recursos próprios em projetos sociais.

– Dificuldades no modo correto e concreto da participação dos fieis Leigos na Política, considerada um instrumento privilegiado de transformação social.

– Falta de conhecimento da Doutrina Social da Igreja.

JULGAR

– A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha. De fato, João Paulo II, dirigindo-se a nosso continente, sustentou que “*converter-se ao Evangelho, para o povo cristão que vive na América, significa revisar todos os ambientes e dimensões de sua vida, especialmente tudo o que pertence à ordem social e à obtenção do bem comum*”.

– Nossa fé proclama que “*Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem*”. Por isso, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”. Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão. Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente.

– O Santo Padre nos lembra que a Igreja está convocada a ser “*advogada da justiça e defensora dos pobres*” diante das “*intoleráveis desigualdades sociais e econômicas*”, que “*clamam ao céu*”.

– Temos muito que oferecer, visto que *“não há dúvida de que a Doutrina Social da Igreja é capaz de despertar esperança em meio às situações mais difíceis, porque, se não há esperança para os pobres, não haverá para ninguém, nem sequer para os chamados ricos”*.

– A opção preferencial pelos pobres exige que prestemos especial atenção aos profissionais católicos que são responsáveis pelas finanças das nações, aos que fomentam o emprego, aos políticos que devem criar as condições para o desenvolvimento econômico dos países, a fim de lhes dar orientações éticas coerentes com sua fé.

AGIR – INICIATIVAS PASTORAIS CONCRETAS ***(Assembleias Paroquiais 2017)***

1- Incentivar a participação de membros das Paróquias nos Conselhos Municipais.

2- Apresentar orientações pastorais, sem identificação partidária, por ocasião das campanhas eleitorais, como forma de conscientização política dos cidadãos.

3- Instituir uma Equipe Arquidiocesana especializada no estudo e na divulgação da Doutrina Social da Igreja.

5. O PERFIL DO AGENTE DE PASTORAL DISCÍPULO MISSIONÁRIO

5.1 - O AGENTE DE PASTORAL CRISTÃO LEIGO

– Os fiéis leigos são *“os cristãos que estão incorporados a Cristo pelo Batismo, que formam o povo de Deus e participam das funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Realizam, segundo sua condição, a missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo”*.

– São *“homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja”*. Sua missão própria e específica se realiza no mundo, de tal modo que, com seu testemunho e sua atividade, contribuam para a transformação das realidades e para a criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho.

– *“O espaço próprio de sua atividade evangelizadora é o mundo vasto e complexo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos ‘mass media’, e outras realidades abertas à evangelização, como o amor, a família, a educação das crianças e adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento”*.

– Além disso, eles têm o dever de fazer crível a fé que professam, mostrando autenticidade e coerência em sua conduta.

– Os leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja, primeiro com o testemunho de vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de apostolado, segundo as necessidades locais sob a guia de seus pastores.

– Estes estarão dispostos a abrir para eles espaços de participação e confiar-lhes ministérios e responsabilidades em uma Igreja onde todos vivam de maneira responsável seu compromisso cristão.

– Aos catequistas, ministros da Palavra e animadores de comunidades que cumprem magnífica tarefa dentro da Igreja, os reconhecemos e animamos a continuarem o compromisso que adquiriram no Batismo e na Confirmação.

– Para cumprir sua missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam de sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural.

– A evangelização do Continente, dizia-nos o papa João Paulo II, não pode realizar-se hoje sem a colaboração dos fiéis leigos. Hão de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade.

– Isso exige, da parte dos pastores, maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja, que por seu Batismo e sua Confirmação é discípulo e missionário de Jesus Cristo. Em outras palavras, é necessário que o leigo seja levado em consideração com espírito de comunhão e participação.

– Nesse contexto, é um sinal de esperança o fortalecimento de várias associações leigas, movimentos apostólicos eclesiais e caminhos de formação cristã, comunidades eclesiais e novas comunidades, que devem ser apoiados pelos pastores.

– Estes ajudam muitos batizados e muitos grupos missionários a assumir com maior responsabilidade sua identidade cristã e colaborar mais ativamente na missão evangelizadora. Nas últimas décadas, várias associações e movimentos apostólicos leigos desenvolveram forte protagonismo.

– Por isso, um adequado discernimento, incentivo, coordenação e condução pastoral, sobretudo da parte dos sucessores dos Apóstolos, contribuirá para ordenar esse dom para a edificação da única Igreja.

– Reconhecemos o valor e a eficácia dos Conselhos paroquiais, Conselhos diocesanos e nacionais de fiéis leigos, porque incentivam a comunhão e a participação na Igreja e sua presença ativa no mundo. A construção da cidadania, no sentido mais amplo, e a construção de eclesialidade nos leigos, é um só e único movimento.

5.2 - O AGENTE DE PASTORAL CONSAGRADO

– A vida consagrada é um dom do Pai, por meio do Espírito, à sua Igreja, e constitui elemento decisivo para sua missão. Expressa-se na vida monástica, contemplativa e ativa, nos institutos seculares, naqueles que se inserem nas sociedades de vida apostólica e outras novas formas.

– É um caminho de especial seguimento de Cristo, para dedicar-se a Ele com coração indiviso e colocar-se, como Ele, a serviço de Deus e da humanidade, assumindo a forma de vida que Cristo escolheu para vir a este mundo: vida virginal, pobre e obediente.

– Em comunhão com os Pastores, os consagrados e consagradas são chamados a fazer de seus lugares de presença, de sua vida fraterna em comunhão e de suas obras, lugares de anúncio explícito do Evangelho, principalmente aos mais pobres, como tem sido em nosso continente desde o início da evangelização.

– Desse modo, segundo seus carismas fundacionais, colaboram com a gestação de uma nova geração de cristãos discípulos e missionários e de uma sociedade onde se respeite a justiça e a dignidade da pessoa humana.

– A partir do seu ser, a vida consagrada é chamada a ser especialista em comunhão, no interior tanto da Igreja quanto da sociedade. A vida e missão dos consagrados devem estar inseridas na Igreja particular e em comunhão com o Bispo.

– Para isso, é necessário criar meios comuns e iniciativas de colaboração que levem a um conhecimento e valorização mútuos e a um compartilhar da missão com todos os chamados a seguir a Jesus.

– Num continente onde se manifestam sérias tendências de secularização, também na vida consagrada, os religiosos são chamados a dar testemunho da absoluta primazia de Deus e de seu Reino.

– A vida consagrada se converte em testemunha do Deus da vida em uma realidade que relativiza seu valor (obediência), é testemunha de liberdade frente ao mercado e às riquezas que valorizam as pessoas pelo ter (pobreza), e é testemunha de uma entrega no amor radical e livre a Deus e à humanidade frente à erotização e banalização das relações (castidade).

– Na atualidade da América Latina e do Caribe, a vida consagrada é chamada a ser uma vida discipular, apaixonada por Jesus-caminho ao Pai misericordioso, e por isso, de caráter profundamente místico e comunitário.

– É chamada a ser uma vida missionária, apaixonada pelo anúncio de Jesus-verdade do Pai, por isso mesmo radicalmente profética, capaz de mostrar à luz de Cristo as sombras do mundo atual e os caminhos de uma vida nova, para o que se requer um profetismo que aspire até à entrega da

vida em continuidade com a tradição de santidade e martírio de tantas e tantos consagrados ao longo da história do Continente.

– E, a serviço do mundo, uma vida apaixonada por Jesus-vida do Pai, que se faz presente nos mais pequeninos e nos últimos, a quem serve a partir do próprio carisma e espiritualidade.

– De maneira especial, a América Latina e o Caribe necessitam da vida contemplativa, testemunha de que somente Deus basta para preencher a vida de sentido e de alegria.

– O Espírito Santo continua despertando novas formas de vida consagrada nas Igrejas, as quais precisam ser acolhidas e acompanhadas em seu crescimento e desenvolvimento no interior das Igrejas locais. O Bispo precisa usar discernimento sério e ponderado sobre seu sentido, necessidade e autenticidade.

– Os Pastores valorizam como inestimável dom a virgindade consagrada, daqueles que se entregam a Cristo e à sua Igreja com generosidade e coração indiviso, e se propõem velar por sua formação inicial e permanente.

– Os povos latino-americanos e caribenhos esperam muito da vida consagrada, especialmente do testemunho e contribuição das religiosas contemplativas e de vida apostólica que, junto aos demais irmãos religiosos, membros de Institutos Seculares e Sociedades devida Apostólica, mostram o rosto materno da Igreja. Seu desejo de escuta, acolhida e serviço, e seu testemunho dos valores alternativos do Reino, mostram que uma nova sociedade latino-americana e caribenha, fundada em Cristo, é possível.

5.3 - O AGENTE DE PASTORAL DIÁCONO PERMANENTE

– Alguns discípulos e missionários do Senhor são chamados a servir à Igreja como diáconos permanentes, fortalecidos, em sua maioria, pela dupla sacramentalidade do matrimônio e da Ordem.

– São ordenados para o serviço da Palavra, da caridade e da liturgia, especialmente para os sacramentos do Batismo e do Matrimônio; também para acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais, onde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja.

– Cada diácono permanente deve cultivar esmeradamente sua inserção no corpo diaconal, em fiel comunhão com seu bispo e em estreita unidade com os presbíteros e os demais membros do povo de Deus.

– Quando estão a serviço de uma paróquia, é necessário que os diáconos e presbíteros procurem o diálogo e trabalhem em comunhão.

– Eles devem receber adequada formação humana, espiritual, doutrinal e pastoral com programas adequados que levem em consideração, no caso dos que estão casados, a esposa e a família.

– Sua formação os habilitará a exercer seu ministério com fruto nos campos da evangelização, da vida das comunidades, da liturgia e da ação social, especialmente com os mais necessitados, dando assim testemunho de Cristo servidor ao lado dos enfermos, dos que sofrem, dos migrantes e refugiados, dos excluídos e das vítimas da violência e encarcerados.

– A **V Conferência** espera dos diáconos um testemunho evangélico e impulso missionário para que sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras da missão.

– Não é necessário criar nos candidatos ao diaconato expectativas permanentes que superem a natureza própria que corresponde ao grau do diaconato.

5.4 - O AGENTE DE PASTORAL PRESBÍTERO

– Valorizamos e agradecemos com alegria porque na imensa maioria os presbíteros vivem seu ministério com fidelidade e são modelo para os demais, que reservam tempo para sua formação permanente, porque cultivam uma vida espiritual que incentiva os demais presbíteros, centrada que está na escuta da Palavra de Deus e na celebração diária da Eucaristia: “Minha Missa é minha vida e minha vida é uma Missa prolongada!”

– Agradecemos também àqueles que foram enviados a outras Igrejas motivados por autêntico sentido missionário.

– Um olhar ao nosso momento atual nos mostra situações que afetam e desafiam a vida e o ministério de nossos presbíteros. Entre outras coisas, a identidade teológica do ministério presbiteral, sua inserção na cultura atual e situações que incidem sobre a existência deles.

– O primeiro desafio tem relação com a identidade teológica do ministério presbiteral. O Concílio Vaticano II estabelece o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um, ainda que de maneira qualitativamente diferente, participa do único sacerdócio de Cristo.

– O sacerdote não pode cair na tentação de se considerar somente mero delegado ou apenas representante da comunidade, mas sim um dom para ela, pela unção do Espírito e por sua especial união com Cristo. *“Todo Sumo Sacerdote é tomado dentre os homens e colocado para intervir a favor dos homens em tudo o que se refere ao serviço de Deus”* (Hb 5,1).

– O segundo desafio se refere ao ministério do presbítero inserido na cultura atual. O presbítero é chamado a conhecê-la para semear nela a semente do Evangelho, ou seja, para que a mensagem de Jesus chegue a ser uma interpelação válida, compreensível, cheia de esperança e relevante para a vida do homem e da mulher de hoje, especialmente para os jovens.

– Esse desafio inclui a necessidade de potencializar adequadamente a formação inicial e permanente dos presbíteros, em suas quatro dimensões: humana, espiritual, intelectual e pastoral.

– O terceiro desafio se refere aos aspectos vitais e afetivos, ao celibato e a uma vida espiritual intensa fundada na caridade pastoral, que se nutre na experiência pessoal com Deus e na comunhão com os irmãos; também ao cultivo de relações fraternas com o Bispo, com os demais presbíteros da diocese e com os leigos.

– Para que o ministério do presbítero seja coerente e testemunhal, ele deve amar e realizar sua tarefa pastoral em comunhão com o bispo e com os demais presbíteros da diocese.

– O ministério sacerdotal que brota da Ordem Sagrada tem “radical forma comunitária” e só pode desenvolver-se como “tarefa coletiva”.

– O sacerdote deve ser homem de oração, maduro em sua opção de vida por Deus, fazer uso dos meios de perseverança, como o Sacramento da Confissão, da devoção à Santíssima Virgem, da mortificação e da entrega apaixonada por sua missão pastoral.

– Em particular, o presbítero é convidado a valorizar como dom de Deus o celibato, que lhe possibilita especial configuração com o estilo de vida do próprio Cristo e o faz sinal de sua caridade pastoral na entrega a Deus e aos homens com o coração pleno e indivisível. *“Na verdade, esta*

opção do sacerdote é uma expressão singular da entrega que o configura com Cristo e da entrega de si mesmo pelo Reino de Deus”.

– O celibato solicita assumir com maturidade a própria afetividade e sexualidade, vivendo-as com serenidade e alegria no caminho comunitário.

– Outros desafios são de caráter estrutural, como por exemplo a existência de paróquias muito grandes, que dificultam o exercício de uma pastoral adequada: paróquias muito pobres que fazem com que os pastores se dediquem a outras tarefas para poderem subsistir; paróquias situadas em regiões de extrema violência e insegurança, e a falta e má distribuição de presbíteros nas Igrejas do Continente.

– O presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades.

– A caridade pastoral, fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e ministério. Consciente de suas limitações, ele valoriza a pastoral orgânica e se insere com gosto em seu presbitério.

– O Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de presbíteros-servidores da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade. Também de presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação.

– Tudo isso exige que as Dioceses e as Conferências Episcopais desenvolvam uma pastoral presbiteral que privilegie a espiritualidade específica e a formação permanente e integral dos sacerdotes.

– A Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis enfatiza que: *“A formação permanente, precisamente porque é “permanente”, deve acompanhar os sacerdotes sempre, isto é, em qualquer período e situação de sua vida, assim como nos diversos cargos de responsabilidade eclesial que*

sejam confiados a eles; tudo isso levando em consideração, naturalmente, as possibilidades e características próprias da idade, condições de vida e tarefas confiadas”.

– Levando em consideração o número de presbíteros que abandonaram o ministério, cada Igreja particular procure estabelecer com eles relações de fraternidade e mútua colaboração conforme as normas prescritas pela Igreja.

– A renovação da paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes que estão a serviço dela. A primeira exigência é que o pároco seja autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia. Mas, ao mesmo tempo, deve ser ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração.

5.4 - O AGENTE DE PASTORAL BISPO

– Os bispos, como sucessores dos apóstolos, junto com o Sumo Pontífice e sob sua autoridade, com fé e esperança aceitamos a vocação de servir ao Povo de Deus, conforme o coração de Cristo Bom Pastor.

– Junto com todos os fiéis e em virtude do batismo somos, antes de mais nada, discípulos e membros do Povo de Deus. Como todos os batizados e, junto com eles, queremos seguir a Jesus, Mestre de vida e verdade, na comunhão da Igreja.

– Como Pastores, servidores do Evangelho, somos conscientes de termos sido chamados a viver o amor a Jesus Cristo e à Igreja na intimidade da oração e da doação de nós mesmos aos irmãos e irmãs, a quem presidimos na caridade. É como disse santo Agostinho: com vocês sou cristão, para vocês sou bispo.

– O Senhor nos chama a promover por todos os meios a caridade e a santidade dos fiéis. Empenhamo-nos para que o povo de Deus cresça na graça mediante os sacramentos presididos por nós mesmos e pelos demais ministros ordenados.

– Somos chamados a ser mestres da fé e, portanto, a anunciar a Boa Nova, que é fonte de esperança para todos, e a velar e promover com solicitude e coragem a fé católica.

– Em virtude da íntima fraternidade que provém do sacramento da Ordem, temos o dever de cultivar de maneira especial os vínculos que nos unem a nossos presbíteros e diáconos.

– Servimos a Cristo e à Igreja mediante o discernimento da vontade do Pai, para refletir o Senhor em nosso modo de pensar, de sentir, de falar e de se comportar em meio aos homens. Em síntese, os bispos têm de ser testemunhas próximas e alegres de Jesus Cristo, Bom Pastor (cf. Jo 10,1-18).

– Os bispos, como pastores e guias espirituais das comunidades a nós encomendadas, somos chamados a *“fazer da Igreja uma casa e escola de comunhão”*.

– Como animadores da comunhão, temos a missão de acolher, discernir e animar carismas, ministérios e serviços na Igreja. Como pais e centro de unidade, nos esforçamos por apresentar ao mundo o rosto de uma Igreja na qual todos se sintam acolhidos como em sua própria casa.

– Para todo o Povo de Deus, em especial para os presbíteros, procuramos ser pais, amigos e irmãos, sempre abertos ao diálogo.

– Para crescer nessas atitudes, os bispos precisamos procurar a união constante com o Senhor, cultivar a espiritualidade da comunhão com todos os que crêem em Cristo e promover os vínculos de colegialidade que os unem ao Colégio Episcopal, particularmente com sua Cabeça, o Bispo de Roma.

– Não podemos esquecer que o bispo é princípio e construtor da unidade de sua Igreja particular e santificador de seu povo, testemunha de esperança e pai dos fiéis, especialmente dos pobres, e que sua principal tarefa é ser mestres da fé, anunciadores da Palavra de Deus e da administração dos sacramentos, como servidores da grei.

– Todo o Povo de Deus deve agradecer aos Bispos eméritos que como pastores têm entregue sua vida a serviço do Reino de Deus, sendo discípulos e missionários. A eles acolhemos com carinho e aproveitamos sua vasta experiência apostólica que ainda pode produzir muitos frutos. Eles mantêm profundos vínculos com as dioceses que lhes foram confiadas e às quais estão unidos por sua caridade e sua oração.

6. A FORMAÇÃO PERMANENTE DO AGENTE DE PASTORAL DISCÍPULO MISSIONÁRIO

– A vocação e o compromisso de ser hoje discípulos e missionários de Jesus Cristo na América Latina e no Caribe, requerem clara e decidida opção pela formação dos membros de nossas comunidades, a favor de todos os batizados, qualquer que seja a função que desenvolvem na Igreja.

– Olhamos para Jesus, o Mestre que formou pessoalmente a seus apóstolos e discípulos. Cristo nos dá o método: “Venham e vejam” (Jo 1, 39). “*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*” (Jo 14,6). Com Ele podemos desenvolver as potencialidades que há nas pessoas e formar discípulos missionários.

– Com perseverante paciência e sabedoria, Jesus convidou a todos para que o seguissem. Àqueles que aceitaram segui-lo, os introduziu no mistério do Reino de Deus, e depois de sua morte e ressurreição os enviou a pregar a Boa Nova na força do Espírito.

– Seu estilo se torna emblemático para os formadores e adquire especial relevância quando pensamos na paciente tarefa formativa que a Igreja deve empreender no novo contexto sócio-cultural da América Latina.

– O caminho de formação do seguidor de Jesus lança suas raízes na natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo, que chama os seus pelo nome e estes o seguem porque lhe conhecem a voz.

– O Senhor despertava as aspirações profundas de seus discípulos e os atraía a si, maravilhados. O seguimento é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena.

– O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como o mestre que o conduz e acompanha.

– No processo de formação de discípulos missionários, destacamos cinco aspectos fundamentais que aparecem de maneira diversa em cada etapa do caminho, mas que se complementam intimamente e se alimentam entre si:

a) O Encontro com Jesus Cristo: Aqueles que serão seus discípulos já o buscam (cf. Jo 1,38), mas é o Senhor quem os chama: “Segue-me” (Mc 1,14; Mt 9,9).

– É necessário descobrir o sentido mais profundo da busca, assim como é necessário propiciar o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã. Esse encontro deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do querigma e pela ação missionária da comunidade.

– O querigma não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo. Sem o querigma, os demais aspectos desse processo estão condenados à esterilidade, sem corações verdadeiramente convertidos ao Senhor.

– Só a partir do querigma acontece a possibilidade de uma iniciação cristã verdadeira. Por isso, a Igreja precisa tê-lo presente em todas as suas ações.

b) A Conversão: É a resposta inicial de quem escutou o Senhor com admiração, crê nEle pela ação do Espírito, decide ser seu amigo e ir após Ele, mudando sua forma de pensar e de viver, aceitando a cruz de Cristo, consciente de que morrer para o pecado é alcançar a vida. No Batismo e no sacramento da Reconciliação se atualiza para nós a redenção de Cristo.

c) O Discipulado: A pessoa amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, se aprofunda no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina.

Para esse passo são de fundamental importância a catequese permanente e a vida sacramental, que fortalecem a conversão inicial e permitem que os discípulos missionários possam perseverar na vida cristã e na missão em meio ao mundo que os desafia.

d) A Comunhão: Não pode existir vida cristã fora da comunidade: nas famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas comunidades de base, nas outras pequenas comunidades e movimentos.

– Como os primeiros cristãos, que se reuniam em comunidade, o discípulo participa na vida da Igreja e no encontro com os irmãos, vivendo o amor de Cristo na vida fraterna solidária. É também acompanhado e estimulado pela comunidade e por seus pastores para amadurecer na vida do Espírito.

e) A Missão: O discípulo, à medida que conhece e ama o seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e tornar realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados, em uma palavra, a construir o Reino de Deus.

– A missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como etapa posterior à formação, ainda que esta seja realizada de diversas maneiras de acordo com a própria vocação e com o momento da maturidade humana e cristã em que se encontre a pessoa.

– O objetivo principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrar sempre com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo.

– Por isso, a formação obedece a um processo integral, ou seja, compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital.

– Na base dessas dimensões está a força do anúncio querigmático. O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar Jesus Cristo, a crer nEle como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos. O anúncio se fundamenta no fato da presença de Cristo Ressuscitado hoje na Igreja, e é fator imprescindível do processo de formação de discípulos e missionários.

– Ao mesmo tempo, a formação é permanente e dinâmica, de acordo com o desenvolvimento das pessoas e como serviço que são chamadas a prestar, em meio às exigências da história.

– A formação abrange diversas dimensões que deverão integrar-se harmonicamente ao longo de todo o processo de formação. Trata-se da dimensão humana comunitária, espiritual, intelectual e pastoral-missionária.

a) A Dimensão Humana Comunitária: Tende a acompanhar processos de formação que levem a pessoa a assumir a própria história e a curá-la, com o objetivo de se tornar capaz de viver como cristão em um mundo plural, com equilíbrio, fortaleza, serenidade e liberdade interior. Trata-se de desenvolver personalidades que amadureçam em contato com a realidade e abertas ao Mistério.

b) A Dimensão Espiritual: É a dimensão formativa que funda o ser cristão na experiência de Deus manifestado em Jesus e que o conduz pelo Espírito através dos caminhos de profundo amadurecimento. Por meio dos diversos carismas, a pessoa se fundamenta no caminho da vida e do serviço proposto por Cristo, com estilo pessoal. Assim como a Virgem Maria, essa dimensão permite ao cristão aderir de coração e pela fé aos caminhos alegres, luminosos, dolorosos e gloriosos de seu Mestre e Senhor.

c) A Dimensão Intelectual: O encontro com Cristo, Palavra feita carne, potencializa o dinamismo da razão que procura o significado da realidade e se abre para o Mistério. Ela se expressa em uma reflexão séria, posta diariamente em dia através do estudo que, com a luz da fé, abre a inteligência para a verdade. Também capacita para o discernimento, o juízo crítico e o diálogo sobre a realidade e a cultura. Assegura de maneira especial o conhecimento bíblico-teológico e das ciências humanas para adquirir a necessária competência em vista dos serviços eclesiais que se requeiram e para a adequada presença na vida secular.

d) A Dimensão Pastoral e Missionária: Um autêntico caminho cristão preenche de alegria e esperança o coração e leva o cristão a anunciar Cristo de maneira constante na própria vida e ambiente. Projeta para a missão de formar discípulos missionários para o serviço ao mundo.

– Habilita a propor projetos e estilos de vida cristã atraentes, com intervenções orgânicas e de colaboração fraterna com todos os membros da comunidade.

– Contribui para integrar evangelização e pedagogia, comunicando vida e oferecendo itinerários pastorais de acordo com a maturidade cristã, a idade e outras condições próprias das pessoas ou dos grupos. Incentiva a responsabilidade dos leigos no mundo para construir o Reino de Deus.

– Desperta constante inquietude pelos distanciados e pelos que ignoram o Senhor em suas vidas.

– Uma formação respeitosa dos processos para chegar à altura da vida nova em Cristo, identificando-se profundamente com Ele e sua missão, é um caminho longo que requer itinerários diversificados, respeitosos dos processos pessoais e dos ritmos comunitários, contínuos e graduais.

– A formação dos leigos e leigas deve contribuir, antes de mais nada, para sua atuação como discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade.

– É urgente uma formação específica para que possam ter incidência significativa nos diferentes campos, sobretudo *“no vasto mundo da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização”*.

– É necessário formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência.

– Não é uma experiência que se limita aos espaços privados da devoção, mas que procura penetrá-los completamente com seu fogo e sua vida.

– O discípulo e missionário, movido pelo estímulo e ardor que provêm do Espírito, aprende a expressá-lo no trabalho, no diálogo, no serviço e na missão cotidiana.

– Quando o impulso do Espírito impregna e motiva todas as áreas da existência, então penetra também e configura a vocação específica de cada pessoa.

– Assim se forma e se desenvolve a espiritualidade própria de presbíteros, de religiosos e religiosas, de pais de família, de empresários, de catequistas etc.

– Cada uma das vocações tem um modo concreto e diferente de viver a espiritualidade, que dá profundidade e entusiasmo para o exercício concreto de suas tarefas.

– Dessa forma, a vida no Espírito não nos fecha em intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário.

– Torna-nos comprometidos com os reclamos da realidade e capazes de encontrar nela profundo significado em tudo o que nos cabe fazer pela Igreja e pelo mundo.

7. A COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE FORMAÇÃO PERMANENTE DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

– Na Diocese, o eixo central deverá ser um Projeto orgânico de formação, aprovado pelo Bispo e elaborado com os organismos diocesanos competentes, levando em consideração todas as forças vivas da Igreja particular: associações, serviços e movimentos, comunidades religiosas, pequenas comunidades, comissões de pastoral social e diversos organismos eclesiais que ofereçam a visão de conjunto e a convergência das diversas iniciativas.

– Requerem-se também Equipes de Formação convenientemente preparadas que assegurem a eficácia do próprio processo e que acompanhem as pessoas com pedagogias dinâmicas, ativas e abertas.

– A presença e contribuição de leigos e leigas nas Equipes de formação traz uma riqueza original, pois, a partir de suas experiências e competências, eles oferecem critérios, conteúdos e testemunhos valiosos para aqueles que estão se formando.

